



Entrevista coletiva concedida pelo Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, aos jornais escandinavos Dagens Industri, Göteborgs Posten e Sydsvenska Dagbladet (Suécia), Aftenposten (Noruega), Helsingin Sanomat (Finlândia) e Politiken (Dinamarca)

Palácio do Planalto, 06 de setembro de 2007

Jornalista: O senhor acha que o Brasil, agora, é melhor para viver do que há cinco anos atrás? É melhor viver agora no Brasil?

Presidente: O problema é que como eu sou brasileiro e presidente do Brasil, o Brasil é bom, melhor, em qualquer época. Para mim, é bom morar no Brasil há 61 anos. Veja, nós estamos vivendo um momento muito importante na vida do Brasil. Nós reencontramos o caminho do desenvolvimento, combinamos esse desenvolvimento com uma forte política social de transferência de renda, e achamos que com as políticas públicas que estamos fazendo agora, com a política de investimentos que estamos fazendo em infra-estrutura, sobretudo na área de saneamento básico e urbanização de favelas, eu penso que está e ficará ainda melhor morar no Brasil.

O desemprego tem diminuído. Com a diminuição do desemprego, conseqüentemente, diminui a violência. Estamos fazendo um investimento muito forte em educação e quanto mais os jovens estiverem estudando, menos possibilidade de violência. Então, eu diria que nós estamos vivendo hoje num Brasil muito mais tranqüilo, social e politicamente, do que a gente vivia 10 anos atrás ou cinco anos atrás, com a consciência de que ainda falta muito para ser feito no Brasil. O processo de recuperação de uma parcela da sociedade que ficou esquecida durante muito tempo leva um tempo para a gente recuperar, mas começamos. E eu acho que estamos andando bem.

Se a gente pegar os números do IBGE, nós vamos perceber o quê? Nós



vamos perceber que 7 milhões de brasileiros saíram da linha da miséria e 8 milhões de brasileiros ascenderam à classe média. Nesses primeiros sete meses do ano, nós já criamos 1 milhão e 200 mil empregos com carteira assinada, emprego formal. E tudo isso contribui para tornar o Brasil melhor.

Jornalista: Eu cheguei ao Brasil em 2003. Minhas primeiras matérias sobre o senhor eram sobre o Fome Zero. Os leitores adoraram, recebi muitos e-mails, porque era uma coisa nova. E de repente o senhor foi para a Alemanha, acho que França, G-8, falou sobre o Fome Zero. Depois, parece que não andou mais e de repente virou Bolsa Família. O que aconteceu com o Fome Zero?

Presidente: O Fome Zero é como se fosse uma espécie de guarda-chuva que cobre uma série de outros programas de políticas sociais do governo, e o principal deles é o Bolsa Família. Mas tem programa para a juventude, tem programa de financiamento da agricultura familiar, tem programa de cooperativa. Tudo isso faz parte do programa Fome Zero. O programa Bolsa Família cumpriu exatamente aquilo que o Fome Zero determinava, ou seja, garantir que todas as famílias no Brasil que vivessem abaixo da linha da pobreza tivessem condições de se alimentar. Hoje atendemos 11 milhões de famílias, temos um investimento muito vigoroso na política social, portanto, eu acho que o Fome Zero vai crescer muito mais ainda, vai se fortalecer muito mais porque os investimentos que estamos fazendo em todas as áreas sociais é muito grande e isso vai significar mais emprego, mais distribuição de renda e menos fome.

Por isso eu estou satisfeito com a mudança que nós fizemos. A mudança de nome, na verdade, era porque a questão da família é uma coisa muito sagrada, então, era preciso a gente dar uma dimensão no programa de que queríamos cuidar da família. Por isso é que nós fizemos o Bolsa Família, que tem sido um sucesso.



A primeira dificuldade que nós tivemos foi o cadastro. Nós não temos cadastro neste País, então tivemos que envolver o Ministério Público Estadual, envolver as entidades da sociedade civil para que construíssemos um cadastro que tivesse respeitabilidade. Você sabe que não é o governo federal quem inscreve as pessoas, quem inscreve é a prefeitura, com a fiscalização da sociedade, com a fiscalização do Ministério Público. Nós precisaríamos dar muita seriedade ao cadastro e finalmente nós conseguimos. Mesmo assim, de vez em quando aparecem pessoas que não deveriam estar recebendo e estão recebendo. Mas eu estou satisfeito com o que nós conseguimos até agora. Certamente eu sempre sou insatisfeito porque gostaria de fazer muito mais.

Jornalista: Ajudou 7 milhões. Quantos mais vocês podem ajudar até 2010?

Presidente: Muito mais. Vejam, nós agora já temos mais experiência, já fizemos o cadastro, já apanhamos o que tínhamos que apanhar no primeiro mandato para aprender a manusear corretamente os canais por onde a gente pode ter contato direto com a sociedade, e eu acho que nós vamos avançar muito mais com novas políticas sociais. Acabamos de estender o Bolsa Família para os jovens de 15 a 17 anos para que eles voltem a estudar; lançamos, ontem, um programa para a juventude e até 2010 vamos investir 5,4 bilhões e atender 4,2 milhões de jovens de 17 a 29 anos, que já tinham saído da escola. Vamos trazê-los de volta para a escola e vamos dar uma ajuda financeira para que eles também aprendam uma profissão.

Jornalista: Como se chama esse programa?

Presidente: Esse programa chama-se...

Jornalista: ProJovem?



Presidente: Não, não é ProJovem. Nós tínhamos vários programas, pegou um outro nome. É só ver aí, Nelson. Dá uma ligada para o Dulci.

Jornalista: De 17 anos até 29. Quatro milhões?

Presidente: Não, de 15 a 29 anos. Quatro milhões e 200 mil jovens. Qual é a idéia? O Brasil tem um exército de jovens que abandonaram a escola, que não trabalham e não estudam. Então, nós estamos trazendo esse jovem de volta, oferecendo a oportunidade dele terminar o ensino fundamental, aprender uma profissão e recolocá-lo no mercado de trabalho. Nós queremos garantir a elevação da educação, da escolaridade, queremos qualificá-lo para o trabalho, queremos que ele tenha acesso à cultura, ao esporte e ao lazer, à inclusão digital. É um programa de cidadania para a juventude brasileira. Por isso eu acho que o Bolsa Família cumpre perfeitamente bem o papel que o programa Fome Zero determinou que fosse cumprido.

Jornalista: O senhor permitiria que eu fizesse uma pergunta sobre a sua opinião a respeito do papel do Brasil no cenário mundial? O senhor acha que o Brasil vai se tornar um país mais importante na política internacional, num futuro próximo? Como isso vai ser possível, Presidente?

Presidente: Primeiro, eu acho que o Brasil vai ser um país importante. Aliás, eu acho que o século XXI será o século dos países que não tiveram chance no século XX. E eu tenho dito que o Brasil não jogará fora as oportunidades no século XXI. Jogamos muitas no século XX. Durante 30 anos o Brasil foi a economia que mais cresceu no mundo. Entretanto, essa riqueza não foi distribuída. Quando parou o crescimento, nós tínhamos uma pequena parcela muito rica e uma grande parcela muito pobre. Nós não temos o direito de não



aprender a lição do século XX.

Por que eu acho que o Brasil se transformará numa potência? Primeiro, porque o Brasil tem potencial para isso, tem conhecimento científico e tecnológico, é um país que tem indústria de ponta como a Embraer, é um país que tem uma indústria excepcional como a Petrobras, é um país que tem uma indústria da envergadura da Vale do Rio Doce, é um extraordinário potencial de produção de papel e celulose, é auto-suficiente em petróleo e, ao mesmo tempo, estamos fazendo uma pequena revolução na área de biocombustíveis. O Brasil é o maior exportador de laranja do mundo, é o maior exportador de carne do mundo, é um dos maiores exportadores de soja do mundo, é um dos maiores exportadores de frango do mundo, é um dos maiores exportadores de minério do mundo. Portanto, nós temos as condições para fazer isso.

O que aconteceu com o Brasil? É que durante algum tempo o Brasil se endividou muito, sobretudo na década de 60, e ficou de 1980 a 2000 sem crescer, ou seja, foram praticamente 20 anos em que crescia a população e não crescia a economia. O resultado disso é uma concentração de pessoas deserdadas pelo Estado.

Nós, agora, tomamos a decisão de que é preciso investir, primeiro, fortemente na educação, no ensino fundamental, no ensino técnico profissional e no ensino universitário. Só para vocês terem idéia, de 1909 a 2003 o Brasil tinha 140 escolas técnicas. Em oito anos nós vamos fazer 214. No Brasil, nós vamos fazer, até 2010, 10 universidades federais novas e vamos construir 48 extensões universitárias para levar a universidade para o interior do País. Aumentamos o número de ensino de oito para nove anos, e apostamos que nos próximos 10 ou 15 anos o Brasil terá dado um salto de qualidade muito grande.

Uma outra coisa importante que nós fizemos foi diversificar as relações políticas e comerciais do Brasil. Hoje, nós temos uma relação muito, muito plural na América Latina, na África, no Oriente Médio, na Ásia, nos países



nórdicos, em toda a União Européia e nos Estados Unidos.

Em 2003 eu fui a Davos, e na volta eu disse ao meu ministro que era possível mudarmos a geografia comercial do mundo. Para isso era preciso que nós juntássemos um grupo de países que tivessem as mesmas condições, países grandes em desenvolvimento, com poder de conhecimento razoável, e pudéssemos estabelecer entre nós a chamada similaridade. Primeiro, em que nós podemos nos ajudar? Segundo, como podemos trabalhar juntos para negociar com os Estados Unidos e para negociar com a União Européia? Bem, o que aconteceu de fato? Criamos o G-20 em Cancun. Hoje, nenhuma negociação acontece na OMC sem levar em conta a existência do G-20. O Brasil tinha 30 bilhões de dólares em reservas quando eu entrei, dos quais 15 bilhões eram do FMI. Hoje o Brasil tem 160 bilhões de dólares em reservas, não deve nada ao FMI, não deve nada ao Clube de Paris e temos um superávit comercial de 45 bilhões de dólares. Por isso, eu acredito que nós estamos a caminho de nos transformar num país de muita importância política e econômica no cenário mundial.

Jornalista: Senhor Presidente, eu tenho uma pergunta que teria uma resposta bem curta. O senhor poderia, usando apenas três palavras, descrever a sua personalidade?

Presidente: Primeiro, eu não gosto de falar de mim, eu prefiro que as pessoas me julguem do que eu me julgar. Eu só poderia lhe dizer o seguinte: eu sei de onde vim, sei onde quero chegar e vou conseguir fazer isso. Qualquer Presidente no Brasil nunca teve que provar nada e eu tenho que provar todo dia que valeu a pena o povo me eleger.

Jornalista: O senhor acha que está sofrendo mais pressão do que os outros presidentes, só por causa de quem o senhor foi?



Presidente: Não, eu não me faço de vítima. Primeiro, porque eu virei presidente da República. Se tinha preconceito, se tinha vetos ideológicos, tudo isso foi superado com a minha vitória. Agora, obviamente, não estava escrito na sociologia brasileira um torneio mecânico chegar a presidente da República. Por isso é que eu tenho que provar a cada dia que sou tão ou mais capaz que os outros para poder manter a motivação nos trabalhadores de que eles podem governar o País. Eu tenho consciência que se eu tivesse fracassado levaríamos mais 50 anos para eleger outro metalúrgico. Como nós não fracassamos e vamos fazer um segundo mandato melhor que o primeiro, portanto, a possibilidade dos segmentos sociais, que habitualmente eram excluídos, aumenta muito. Ainda tem muito preconceito, mas eu penso que isso faz parte do jogo político.

Jornalista: Como o senhor avalia o discurso antiamericano do presidente Chávez, e seu colega da Bolívia e do Equador?

Presidente: Talvez a relação deles com os Estados Unidos tenha problemas e eles sejam obrigados a fazer o discurso que eles fazem. O Brasil tem uma relação importante com os Estados Unidos, é individualmente o nosso maior parceiro comercial, portanto, eu não tenho a necessidade de jogar sobre os Estados Unidos a culpa das mazelas das elites brasileiras. Obviamente que eu acho que os Estados Unidos muitas vezes têm políticas equivocadas como a Guerra do Iraque, mas os problemas que nós temos no Brasil são problemas nossos, que nós temos que resolver. Talvez outros países tenham motivações para o discurso antiamericano. Aqui, no caso do Brasil, nós não necessitamos. E eu respeito.

Jornalista: Como o senhor avalia a posição dos Estados Unidos na América



Latina?

Presidente: Olha, eu tive oportunidade de conversar com o presidente Bush recentemente, em Camp David, e disse ao presidente Bush que estava na hora dos Estados Unidos encararem a América Latina com a dimensão de que é possível ter uma política não-intervencionista, de que é possível construir política de parcerias com os países da América Latina. Uma política de investimento no setor produtivo dará muito mais resultado do que uma política de intervenção diplomática, de intervenção militar. E nós temos conversado muito com os Estados Unidos sobre isso.

Está na hora dos Estados Unidos olharem a América Latina com possibilidade de fazer uma grande parceria. Acabou o tempo em que se olhava para a América Latina imaginando que era todo mundo revolucionário e que todo mundo queria ocupar os Estados Unidos. Acabou. Hoje as pessoas querem ter paz, as pessoas querem ter mais, querem ter crescimento econômico e querem ser soberanos. É tudo isso que nós precisamos.

Jornalista: Esta semana foi inaugurada uma refinaria em Pernambuco, uma coisa conjunta com PDVSA. Chávez não estava lá, a PDVSA não estava lá, e também faz tanto tempo que o senhor ligou para o Chávez. O que aconteceu entre o senhor e o Chávez, ultimamente?

Presidente: Eu liguei para o Chávez na sexta-feira. Eu vou me encontrar com Chávez no dia 20, em Manaus. Vamos explicar porque eu sei que lá para a banda dos países nórdicos talvez o Chávez seja mais intranquilizador do que aqui para o Brasil ou para a América do Sul. Primeiro, nós temos um acordo com a PDVSA, Petrobras e PDVSA. Nós vamos trabalhar com a PDVSA na Venezuela, num projeto em que a PDVSA fica com 60% dos ganhos e a



Petrobras com 40%, lá na Faixa de Orinoco, e estamos construindo essa refinaria em conjunto, em que a Petrobras fica com 60% e a PDVSA com 40%.

Jornalista: Essa de Recife?

Presidente: Essa de Recife, que nós fomos começar a terraplanagem. Eu, pessoalmente, liguei para o Chávez na segunda-feira, ele está com uma agenda e deve ter problemas internos, ele disse que não poderia vir e perguntou se eu poderia marcar uma outra data. Eu disse que não poderia adiar porque já estava marcado há algum tempo, e marcamos um encontro em Manaus no dia 20 de setembro.

A Venezuela é uma grande parceira do Brasil, nós temos uma boa relação. O Brasil é o 3º país exportador para a Venezuela, o Brasil tem investimentos na Venezuela de mais de 2 bilhões de dólares, e a nossa relação com o Chávez é muito boa. Trabalhamos para que a Venezuela venha para o Mercosul, como trabalhamos para que a Bolívia venha para o Mercosul. Queremos todos os países no mesmo bloco, para que as nossas divergências sejam dirimidas numa discussão muito franca entre nós.

Portanto, o meu pensamento sobre o Chávez é que pode ter gente que não goste dele na Venezuela, pode ter gente que fique preocupado com o discurso do Chávez. Eu acho que o Chávez é um bem para a Venezuela, porque durante muito tempo o petróleo venezuelano não era da Venezuela, e eu acho que o Chávez governa a Venezuela pensando na maioria das pessoas. Da minha parte, quero lhe dizer que tenho um profundo respeito pelo Chávez. Agora, cada presidente que assuma a responsabilidade pelo que fala. Talvez por ser brasileiro e por ter nascido no movimento sindical, eu apanhei tanto na minha vida política, que aprendi a falar só aquilo que é possível falar, sem causar constrangimento a ninguém.



Jornalista: Só uma coisa mais. Parece que quando o senhor viajou para o México e Panamá, o senhor estava tentando divulgar o biocombustível, que é o combustível do futuro. Mas o Chávez, parece que está usando combustível de ontem, de petróleo, que vocês têm diferentemente idéias...

Presidente: Não, veja. Obviamente que a Arábia Saudita, o Catar, a Nigéria, a Argélia, a Rússia, a Venezuela, não têm a mesma preocupação com os biocombustíveis que eu tenho. Eu, apesar de o Brasil ser auto-suficiente em petróleo, nós temos meia dúzia de países que atendem o mundo inteiro com petróleo. Com os biocombustíveis nós vamos ter 150 países produzindo combustível para todos os países. Eu vejo nos biocombustíveis a mais importante forma de despoluir o Planeta.

Eu vou lhe dar um exemplo: quando a União Européia introduziu o caminhão Euro 4, o preço do caminhão aumentou 15% e a diminuição da emissão de CO₂ foi de apenas 3%. Agora estão produzindo o Euro 5. Se aumentar mais 15%, vai chegar um momento em que o caminhão vai ser tão caro para os compradores que vai diminuir a venda e, portanto, não vai despoluir, não vai deixar de emitir gases. Pois bem, com os biocombustíveis nós temos a chance de, definitivamente, evitar a emissão de gás carbônico e diminuir o efeito estufa que ele tanto provoca.

Ao mesmo tempo nós estamos propondo ao mundo uma socialização das possibilidades, sobretudo para os países mais pobres. Quantos países do mundo têm petróleo? Poucos. Quantos países do mundo têm tecnologia para fazer prospecção de petróleo? Quantos países do mundo podem fazer uma plataforma, podem fazer uma refinaria? Então, os países pobres, sobretudo os da África, da América Central, estão predestinados a nunca terem uma refinaria e a não terem petróleo, e ficam dependendo da boa vontade da Opep.

O que nós estamos propondo? Qualquer ser humano, na face da Terra, não precisa ter muito conhecimento tecnológico, é capaz de cavar um



buraquinho com a mão, 20 centímetros, plantar uma planta e, daquela planta, extrair o combustível que o seu próprio país vai utilizar...

Jornalista: E acabar com a comida também.

Presidente: ...e gerar empregos. E o emprego permite que ele compre comida de outro que não vai produzir biocombustível. Eu acho que é impensável que alguém vá deixar de plantar comida para plantar álcool ou para plantar biocombustível, até porque a comida é a primeira fonte energética de que a humanidade precisa para sobreviver. Depois ela pode querer a segunda para tocar o seu carro.

Então, se nós fizermos o estudo correto de ocupação do solo, saber qual é a área em que você pode plantar, qual é a área em que não pode plantar, que tipo de oleaginosa é boa para cada lugar, nós não teremos nenhum problema. O problema do mundo, hoje, não é a falta de alimentos. O problema do mundo, hoje, é a falta de dinheiro para comprar alimentos.

Veja uma coisa: há 10 ou 15 anos, para matar um boi aqui no Brasil, você levava 48 meses. Hoje você mata em 18. Para matar um frango, você levava 90 dias, hoje você leva 40. O Brasil hoje está produzindo, por hectare de terra, quatro vezes o que a gente produzia em 1975. Então, os avanços tecnológicos permitiram que, cada vez mais, em espaço pequeno, se produza mais alimento.

Eu vou lhe dar um exemplo do Brasil, mas que pode valer, proporcionalmente ao tamanho de cada país. O Brasil tem 850 milhões de hectares de terra. Desses, 360 milhões de hectares são na Amazônia. Então, nós temos mais 444 milhões de hectares de terras agricultáveis. Desses 444 milhões, apenas 1% é plantado de cana, tem 29% que é de pasto e também, hoje, não se precisa de muita área para criar gado porque, também, cada vez mais está diminuindo a área e confinando o gado para melhorar a qualidade da



carne do gado. O mundo inteiro tem isso, é só olhar para os países africanos. Então, você pode utilizar a parte necessária para produzir alimento e da outra parte produz o combustível que você não tem. Agora, eu não acho que a Arábia Saudita tenha essa preocupação, eles têm petróleo demais.

O Chávez é comprador do etanol brasileiro para misturar no seu combustível. A América Central poderia produzir etanol para exportar para os Estados Unidos. No Brasil, nós não vamos produzir etanol de milho nem de nenhum alimento, nós queremos produzir de mamona, queremos produzir de pinhão manso, do caroço do algodão, do girassol, da palma africana. O que vai acontecer é que, independentemente dos discursos ideológicos, os biocombustíveis são uma questão inexorável para a humanidade.

Eu fui agora em Honduras e vi uma fábrica de biodiesel de tilápia, um peixe. Eles tiram o filé do peixe e do resto eles produzem biodiesel. Eu fui ao estado de São Paulo ver uma fábrica produzir 100 milhões de litros/ano, de gordura animal. Então, a possibilidade é extraordinária, quem quiser aproveitar aproveita, quem não quiser, faz outra coisa. O Brasil não abrirá mão de transformar, definitivamente, o biocombustível numa das suas principais matrizes energéticas. Vocês conhecem o sucesso do *flex fuel*, então, por que um país que não tem petróleo não produz o seu combustível ideal? Tem país pequeno em que metade do seu orçamento é gasto com importação de petróleo. Agora, nós queremos tomar todo o cuidado do mundo, por isso queremos fazer o zoneamento agrícola, evitar a ocupação de espaços que podem ser plantados, garantir a produção de alimentos e plantar biocombustíveis.

Jornalista: Seria interessante para o governo criar uma Alcoobras, tipo uma estatal para coordenar e comercializar a exportação do álcool numa escala mundial, para virar uma *commodity* como metais, petróleo?



Presidente: Essa é uma discussão delicada, mas podem ficar certos de que nós vamos criar, na Petrobras, uma diretoria para cuidar dos biocombustíveis. Porque nós precisamos garantir uma certificação de qualidade, e a Petrobras é uma empresa que tem qualificação internacional para colocar o seu nome num produto. Então, nós estamos pensando em como estabelecer a estruturação do funcionamento dessa diretoria para que a gente possa garantir não apenas o suprimento do mercado interno, mas garantir também o atendimento aos nossos parceiros.

Uma última coisa com o biodiesel. No fundo, no fundo, o que eu sonho, é que países como a Finlândia, como a Noruega, como a Dinamarca, como a Holanda, como a Bélgica, a Alemanha, possam contribuir não com o Brasil, mas com os países da África, encomendando alguns milhões de litros de biodiesel, fazendo empresas em parceria com as empresas dos países africanos e gerando empregos naquela região, gerando riqueza.

Jornalista: O senhor ainda tem muitos anos à sua frente como presidente do Brasil, mas depois, o que o senhor gostaria de deixar como o seu maior legado, Presidente?

Presidente: Quando eu deixar a Presidência?

Jornalista: O senhor ainda tem muitos anos, mas depois que o senhor sair, qual o senhor gostaria que fosse o seu maior legado?

Presidente: Eu não tenho muitos anos, eu só tenho três anos. Olhe, quando eu tomei posse, no dia 1º de janeiro de 2003, eu disse: se ao terminar o meu mandato cada brasileiro pudesse estar tomando café, almoçando e jantando todos os dias, eu já morreria feliz. Qual é o legado que eu pretendo deixar para este País? É provar que é possível tirar os pobres da miséria absoluta e de que



é possível dar a eles esperança outra vez. Eu acho que nós estamos conseguindo isso e vamos fazer muito mais nesses próximos três anos.

Jornalista: O senhor disse que gostaria de influenciar o seu sucessor, o senhor tem um candidato predileto? Quem deveria ser o próximo presidente?

Presidente: Não, eu não tenho candidato predileto não. Veja, discutir a sucessão presidencial agora só interessa à minha oposição, não interessa a mim, eu tenho que governar. Agora, o que eu pretendo é trabalhar, fazer com que o governo esteja bem na época das eleições, para que a gente possa indicar um candidato ou uma candidata e ganhar as eleições.

Jornalista: O senhor acha que esses escândalos de corrupção podem causar danos ao governo?

Presidente: Não, não causou na primeira e não causará. Porque o que está acontecendo no Brasil é que, pela primeira vez, você tem um presidente da República que não guarda nenhuma denúncia na gaveta, que equipou a Polícia Federal da forma mais sofisticada para fazer investigação, que fortaleceu a Controladoria-Geral da República. Ou seja, então esse é um problema sério. Por que aparece muita corrupção na imprensa? Quem está investigando essa corrupção? É o governo. Só que o presidente da República não pode todo dia fazer um pronunciamento, dizendo que está investigando. Quem investiga é a Polícia Federal, quem denuncia é o Ministério Público e quem julga é o Poder Judiciário. É isso que está acontecendo no Brasil: não existe denuncia na gaveta.

Jornalista: O que o Brasil pode fazer à Suécia a respeito de biocombustíveis e o que a Suécia pode fazer para o Brasil? Será fechado algum tratado com a



Suécia sobre biocombustíveis?

Presidente: Olha, primeiro quero dizer uma coisa do sueco. Você sabe que eu sempre tive uma relação muito forte com a Suécia quando eu era dirigente sindical e os dirigentes sindicais suecos sempre tiveram uma relação extraordinária com o Brasil, sobretudo quando eu era presidente do Sindicato dos Metalúrgicos. Segundo, eu acho que São Paulo é a maior concentração de fábricas da Suécia, depois da própria Suécia. Então, nós já temos uma parceria muito grande. Eu não tenho conhecimento dos tratados que vamos assinar, mas certamente nós vamos assinar acordos com a Suécia, acordos com os outros países, vamos estreitar nossas relações e, certamente, os biocombustíveis serão o centro da minha vontade política de discutir. Ninguém senta numa mesa comigo, hoje, que não ouça sobre o biocombustíveis. Como a Suécia fazia, no começo do século passado, com os aços especiais. Quem é que comprava uma vidia ou uma ferramenta de corte qualquer que não fosse sueca? Então, os aços especiais produzidos pela Suécia deviam ser motivo de orgulho para o povo e para o governo sueco durante mais de 50 anos, e ajudaram a transformar a Suécia num país socialmente muito equilibrado e muito justo. Os biocombustíveis são, para mim, o que foi o aço especial para a Suécia. Quando o dirigente de um país sentar comigo à mesa, ele tem o direito de falar de todos os assuntos de interesse do seu país, e eu ouvirei com o maior respeito e carinho, mas na hora de eu falar, os biocombustíveis são a minha paixão.

Jornalista: Eu tenho três perguntas. Na Noruega, o que o senhor vai discutir com o primeiro-ministro Jens Stoltenberg? O senhor vai pedir ajuda da Noruega para um assento permanente no Conselho de Segurança das Nações Unidas?



Presidente: Eu tenho três paixões. Uma é o biocombustível, outra é a democratização das Nações Unidas, e a outra é pedir o apoio da Noruega para que a Rodada de Doha seja concretizada e os países pobres possam sair vitoriosos. Esses três assuntos entrarão na minha pauta em todas as reuniões. Certamente a Petrobras está indo comigo, acabamos de inaugurar, em Sergipe, uma plataforma com as empresas da Noruega, com a embaixadora da Noruega. E a Noruega é um país com quem nós temos interesse de estreitar ainda mais a nossa relação.

Jornalista: Petróleo...

Presidente: Petróleo, biocombustíveis.

Jornalista: Mas o senhor confirma que vai pedir ajuda da Noruega para o assento permanente no Conselho de Segurança da ONU?

Presidente: Sim.

Jornalista: E também na Rodada de Doha?

Presidente: Sim.

Jornalista: E a última, rápido. O embaixador americano no Brasil sugeriu que o Brasil assumisse a liderança na formação de um grupo regional para trabalhar em colaboração com a Otan. Isso é possível para o senhor?

Presidente: Eu não entendi.

Ministro Franklin Martins: O embaixador americano sugeriu a formação de



um grupo, o Brasil liderando, para colaboração com a Otan.

Jornalista: Aqui, da América do Sul.

Presidente: Não.

Jornalista: Eu sei que o senhor vai encontrar com o Bert Lundin, que era o presidente dos metalúrgicos suecos. Foi um pedido seu, de encontrá-lo, e por que o senhor queria encontrar com ele?

Presidente: Eu queria encontrá-lo e ele queria encontrar comigo. Afinal de contas, não é porque eu virei presidente da República que eu vou esquecer os meus companheiros. Então, vou encontrar com ele. Eu, na verdade, tenho pedidos para encontrar com várias centrais sindicais, em todos os países. Estou levando, na minha delegação, um dirigente sindical. Já tem um dirigente sindical me esperando lá, que é um metalúrgico de São Bernardo do Campo, que já vai estar lá quando eu chegar. E toda vez que eu viajo para um país em que eu já tive relação com os seus sindicatos, quando eu era presidente do Sindicato, eu faço questão de pedir um encontro, porque amizade não é uma coisa fácil de construir, e quando a gente constrói precisa mantê-la.

Jornalista: Porque tem uma coisa legal, lá, porque foram os próprios metalúrgicos suecos que tiraram dinheiro do bolso e mandaram para o Brasil, em 79. O Torsten levou o dinheiro para vocês.

Presidente: Sim, o Torsten foi um grande companheiro e ele ajudava muito o fundo de greve quando estávamos em greve, em 1978, 1979 e 1980. Por isso, eu tenho um apreço muito grande pelo sindicalismo sueco.



Jornalista: E, por último, uma pergunta da minha esposa. Ela é professora de História no ensino médio e acha que os jovens estudantes estão decepcionados com o Brasil. Eles não acham que melhorou tanto. Ainda tem impunidade, injustiça social e corrupção. O que o senhor poderia dizer aos alunos? Por que eles podem acreditar no Brasil no futuro?

Presidente: Você podia ter ido ao ato comigo ontem. Obviamente que eu reconheço que no Brasil ainda tem muitas razões para que o jovem não acredite em muitas coisas. O nosso papel é tentar provar que o Estado brasileiro pode voltar a dar esperança para a juventude brasileira. Por isso nós lançamos, ontem, um programa chamado ProJovem. Nós temos o ProJovem Adolescente, que vai cuidar de jovens de 15 a 17 anos; temos o ProJovem Urbano, que vai cuidar de jovens de 18 a 29 anos, que estão fora da escola; temos o ProJovem no Campo; e temos o ProJovem Trabalhador. Esse ProJovem, nós pretendemos, até 2010, atender 4 milhões e 200 mil jovens e trazer aqueles que estão fora, de volta para a escola, e aqueles que precisam de formação profissional, a gente vai fazer a combinação profissional na área de cultura, na formação profissional para colocá-los no mercado de trabalho. E eu acho que isso é a coisa mais forte que nós vamos fazer para a juventude brasileira: trazê-la de volta a acreditar na escola, a acreditar na família e acreditar que é possível ganhar a sua vida trabalhando.

Jornalista: Mas a coisa é que eles cansaram de ver os escândalos que tem. Por que não pode parar com isso? Eu tenho quatro anos aqui e já vi quatro grandes escândalos.

Presidente: Eu não sei se na Suécia e na Dinamarca é assim, mas aqui no Brasil tem que ter uma diferenciação entre a manchete do jornal, a veracidade dessa manchete e o processo que tem que ser realizado. No mundo civilizado,



quando tem uma denúncia contra alguém, se você vive num regime autoritário, você pune sem precisar de julgamento. Num país democrático, você tem um processo a cumprir até chegar ao julgamento. Enquanto não houver o julgamento, todas as pessoas são inocentes até prova em contrário. Essa é a garantia que eu quero para mim e para os 190 milhões de brasileiros. O problema é que, às vezes, as pessoas são condenadas antes de provarem se cometeram ou não o crime. Isso faz parte de uma cultura brasileira e nós temos que conviver com isso, acreditando que é possível a gente construir novos métodos de tratar denúncias e culpar inocentes. O governo deseja o quê? Que todas as denúncias sejam apuradas, que todos que praticaram a corrupção sejam presos, sejam condenados e que todos os inocentes sejam absolvidos. Por isso, não nos resta outro caminho a não ser tomar as medidas administrativas, que é afastar as pessoas que são denunciadas, mas garantir que elas tenham o direito de defesa. Qualquer um. Isso vale para um ministro e vale para a telefonista. Se não for assim, você não vai consolidar nem a democracia, nem as instituições.

Jornalista: Sobre a Finlândia. O senhor já se encontrou com a presidente da Finlândia muitas vezes, e ela também foi muito ativa no movimento sindical. Será que o senhor pode me contar, o senhor tem alguma relação com ela, como é que foi a sua relação com ela?

Presidente: Olha, eu tenho a melhor impressão. A minha impressão é tão boa que eu pretendo tratá-la de companheira. Isso só pode ser possível entre dois sindicalistas. Mas nós estivemos aqui, fizemos uma viagem juntos, conversamos umas três horas. Eu tenho vontade de conhecer o que houve de revolução na educação da Finlândia, conhecer um pouco da política da Finlândia na área de papel e celulose. Eu quero saber que milagre é esse que nos países nórdicos vocês demoram 50 anos para cortar uma árvore. Aqui, no



Brasil, nós cortamos em seis anos. Ou seja, eu acho que o Brasil vai se transformar num grande produtor mundial de papel e celulose. Nós temos vantagem comparativa com qualquer país do mundo e queremos saber qual é o sucesso de vocês.

De forma que eu quero dizer para vocês que estou indo para os países nórdicos com muita vontade política, tenho muita admiração pelo que vocês alcançaram em políticas sociais. Acho que se o mundo inteiro conhecesse a qualidade de vida do povo dos países nórdicos, certamente nós estaríamos vendo que é possível construir uma sociedade mais justa. De vez em quando eu sei que vocês reclamam que lá as pessoas morrem de tédio. Aqui, da nossa banda, ainda se morre de fome. Bom, morrer não é bom, nem de tédio, nem de fome. Mas eu sou um admirador do estágio político, econômico e social que vocês atingiram. Oxalá, daqui a uns 30 anos, o Brasil tenha a mesma situação. Está bem?

Jornalista: Muito obrigado.